

A MEMÓRIA DISCURSIVA NO PROJETO A INSTITUIÇÃO DA DATA DO 12 DE OUTUBRO: UM DISPOSITIVO COMEMORATIVO

Beatriz Adriana Komavli de Sánchez

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Del Carmen Fátima

González Daher

Doutoranda

Nossa hispanidade está enraizada numa tradição mutável, suficientemente flexível como para sobreviver além das fronteiras e das circunstâncias. Evitemos então fixa-la com uma definição e deixemos ela, entretanto, viajar, sempre. (Colofão do ‘¿Qué es la hispanidad?’ de STAVANS, Ilan & JAKSIC, Iván, 2011, p. 211. (Tradução nossa)

Optamos introduzir a leitura deste artigo com estas palavras sobre a hispanidade. Ideia abstrata que ao longo da supracitada obra é reformulada em termos de civilização, mundo, caleidoscópio. Os autores, assim como outros, ao longo de suas conversações, apontam que longe de ser uma noção homogênea, abrange diversas hispanidades, cada uma com seu ‘metabolismo’ próprio: a hispanidade acima do Rio Grande, a do Caribe e

México, a da Espanha e a da Sudamérica. A noção de hispanidade também tem sido usada como cartaz político, além de ter se materializado como designação da data do 12 de outubro, data da chegada de Colombo ao que seria depois de alguns anos significado como

‘descoberta’ do Novo Mundo.

O nosso foco de pesquisa justamente recai na tradição inventada do 12 de outubro na hispanidade sudamericana. Percebe-se a complexidade e abrangência de nosso objeto de estudo, além de diálogo constante com a história. Esses dois fatores, complexidade e abrangência, também se refletiram no encaminhamento e conformação do recorte, constituído por diversas materialidades semióticas, algumas delas recentes e outras datadas a partir de 1917 até as cinco décadas seguintes.

Em linhas gerais, desde inícios do século XIX a data foi sucessivamente conhecida como: Dia da Raça e Dia da Hispanidade. A partir de 2002, na região sudamericana, a data comemorativa foi rebatizada por decreto nos calendários oficiais: Dia da Resistência Indígena (Venezuela); Dia do respeito à diversidade cultural (Argentina) e Dia da Descolonização Continental (países integrantes da CAN – Cúpula Andina: Bolívia, Peru, Colômbia e Equador). Essas redesignações assinalam deslocamentos que instigaram nossa curiosidade: o que mudou em relação à data? e o que permanece invariável?

Relembramos o objetivo reformulado da pesquisa, em fase final de elaboração: analisar diversas materialidades semióticas, ligadas à tradição inventada da data do 12 de outubro no mundo hispanofalante, bem como a transformação dos enunciados/efeitos de memória que se possam depreender delas. A investigação está filiada à linha Teoria do texto, do Discurso e da Interação da área Estudos de Linguagem, e encontra-se no cruzamento dos estudos da História e da Análise do Discurso que considera os estudos enunciativos. Para a fundamentação teórica recorreremos, entre vários autores, a Bakhtin (2000 [1979]), Maingueneau (2008) e Foucault (2007 [1969]). Recentemente incorporamos a noção de memória discursiva introduzida por Courtine (1981) e trabalhada por Gregolin (2005) e por Paveau (2013), entre outros pesquisadores.

A pesquisa justifica-se por vários motivos:

(1) é de nosso conhecimento que há no Brasil, pelo menos no Estado do Rio de Janeiro, escolas e instituições educacionais que comemoram a data de 12 de outubro numa modalidade pitoresca, com apresentação de músicas, costumes e comidas típicas. Repetem-se rituais sem propiciar questionamentos do tipo: por que é necessário comemorar essa data? o quê se comemora?, que relevância se dá à data nas diversas nações? A importância do tema é negligenciada na formação do professor.

(2) Esse tratamento ritualístico da data ainda se materializa em livros didáticos de espanhol como língua estrangeira. Observamos uma naturalização no tratamento desta data significativa. Em geral, o formador de professores de ELE nada se questiona e se limita a reproduzir o ritual porque consta no livro didático, como é o caso de *Recreo*, da Editora Moderna, livro 2, direcionado ao Ensino Fundamental I. Um outro exemplo é o livro *Ventana al español*, da Editora Santillana (2011), que dedica a unidade 1, vol. 3 (elaborado para o 8^{vo} ano do Ensino Fundamental), às celebrações.

(3) No Brasil, a Associação Brasileira de Hispanistas (ABH) que data do ano 2000 e teve seu primeiro *Anuario brasileño de estudios hispánicos* em 1990, realizou até 2004 seus congressos nessa data. Esse dado demonstra a força da data atrelada à noção de hispanidade, inclusive em outros territórios não hispânicos. Cabe ressaltar que nestas últimas décadas no Brasil surgiram muitas Associações de Professores de Espanhol nos diversos estados bem como foram criados cursos em Universidades que formam futuros professores de espanhol. Totalizam atualmente 24 APEs (Associação de Professores de Espanhol).

(4) Houve também um curioso deslocamento da comemoração da data de 12 de outubro operado no Instituto Cervantes, instituição pública do governo da Espanha dedicada “a promover o espanhol e difundir sua cultura... e para a atenção ao patrimônio cultural comum de toda a comunidade hispanofalante”. Mundialmente, tem instituído, desde 2009, o dia 21 de junho como o *Dia E*, “la fiesta de todos los que hablamos español”. Esses deslocamentos da data por parte de instituições parecem apontar para uma necessidade de se afastar de um ideário, de uma visão atrelada ao nacional-catolicismo franquista, fato este que fazia parte de nosso conhecimento prévio ao início da pesquisa.

Nosso recorte compreende: uma bandeira, hinos, notícias impressas com fotos de desfiles e eletrônicas, diário de debates de Câmeras de Deputados e Senadores; decretos, pronunciamentos, matérias em revista infantil, publicidades, artigo acadêmico, sugestões de trabalho para o professor disponíveis em internet. Recentemente incluímos um documento com propostas à CAN, datado de 2011 e disponível em www.comunidadandina.org/2011/MESA%201.pdf (Acessado em 01.09.2015).

Perante tamanha diversidade de práticas e de gêneros que circulavam e não cessam de circular por diferentes âmbitos sociais, percebe-se por que à noção de *dispositivo* torna-se necessária para dar início à constituição do recorte, uma vez que permite estabelecer relações

entre elementos heterogêneos e que respondem a uma urgência. Trazemos a noção foucaultiana de dispositivo tal como foi recopilada por Castro:

O dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regimentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e não dito. 2) O dispositivo estabelece a natureza do nexos que pode existir entre esses elementos heterogêneos...3) Trata-se de uma formação que, num momento dado, teve por função responder a uma urgência. O dispositivo tem, assim, uma função estratégica. (CASTRO, 2009, p. 124)

Ainda sobre o fato da instituição da data responder a uma urgência como apontado em (3), sucintamente expomos que no final do século XIX e inícios do XX o perigo são as potências econômicas da época e, em especial, o crescente expansionismo norteamericano. Na tentativa de recuperar um prestígio internacional perdido, Espanha significa a data e a carga de valores que exaltam a língua, valores morais e a fé cristã

que conformariam uma comunidade hispana (imaginada, no sentido andersoniano, 2011). Já no final do século passado e inícios do atual, o perigo são os grandes blocos econômicos, a globalização. Ganham força os movimentos de minorias marginalizadas que reivindicam seus direitos, como por exemplo, os índios. Lembrar desses setores e de suas lutas torna-se um dever para a memória, ao mesmo tempo que a visão clássica da história é revista criticamente. Perante a conformação de blocos mundiais, começam a se definir blocos regionais na América e o bicentenário da independência das ex-colônias reativa os ideais libertários e de justiça. Voltando à definição de dispositivo, nossa tarefa então será observar o nexos que liga as diversas materialidades semióticas, o que permanece o mesmo e aquilo que muda, se transforma, nos enunciados atrelados à data.

Apresentaremos algumas reflexões em torno à noção de memória discursiva para logo melhor ilustrar o impacto dessa noção norteadora numa aproximação analítica, aplicada a uma das materialidades semióticas de nosso recorte.

A memória discursiva

Como foi apontado na introdução, em nossa pesquisa fica mais patente e cobra relevância a inerente relação entre História e a AD. Recorremos à noção de memória discursiva como guia de nosso trabalho uma vez que, perante determinada conjuntura (re)cria-se um passado, esse passado ‘ecoa’ nos diversos âmbitos sociais e pode antecipar, de alguma maneira, pelo não-dito, um tipo de regime de enunciados por vir. Inspirado em Foucault, essa designação é adotada por Courtine, em 1981, no intuito de melhor caracterizar e articular teoricamente suas análises sobre o discurso político. É assim apresentada pelo autor:

Esta noção nos parece subjacente à análise das FD que efetua *L'Archéologie du savoir*: toda formulação possui no seu "domínio associado" outras formulações, que repete, refuta, transforma, nega..., isto é, respeito das quais produzem efeitos de memória específicos; mas também toda formulação mantém com as formulações com as quais coexiste (seu "campo de concomitância", diria FOUCAULT) ou que lhe são sucessivas (seu "campo de antecipação") relações cujo análise inscreve necessariamente a questão da *duração* ou a da *pluralidade dos tempos históricos* no coração dos problemas que apresenta a utilização do conceito de FD. (COURTINE, 1981, p. 5) Tradução do espanhol de responsabilidade da pesquisadora.

Ainda Courtine coloca a introdução desta noção na AD em termos de desafio uma vez que “ a articulação desta disciplina com as formas contemporâneas da pesquisa histórica (que) insistem no valor que tem que se ‘adjudicado’ ao tempo longo” (1981, p. 6). (Tradução de responsabilidade da pesquisadora)

A noção encontra-se registrada no dicionário da área (CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D., 2004, p. 325-326). Indica-se que o discurso tem relação com a memória de maneira constitutiva, em dois planos complementares: o da *textualidade* e o da *história* e a entrada faz remissões às noções de: arquivo, cadeia de referencia, comunidade discursiva, dêixis, formação discursiva e midialogia.

Gregolin (2005) também relata o percurso da noção e assinala que a memória discursiva está no coração das formações discursivas, da heterogeneidade e do interdiscurso.

A memória discursiva, além de abrangente é instável, tece redes e produz lembranças, por tanto, reiteração de enunciados, ou pode esquecer e provocar silenciamento de enunciados (p. 6)

A memória discursiva tem sido objeto de interesse, entre outros tantos autores, de:

Arnoux (2004, 2008), Orlandi (1993, 2001, 2006), Indursky (2003, 2011) e Zoppi-Fontana (2004), que a concebem como **construtora de identidades nacionais ou políticas** e **como regime de enunciabilidade, matriz** de inclusão e de exclusão de enunciados que determina o que pode ou não ser dito desde diferentes posições ideológicas. (VITALE & MINARDI, 2013, p. 86). Tradução e destaques nossos.

Paveau (2013) formula a hipótese dos pré-discursos e os integra à memória discursiva. A inquietude da autora é tentar compreender a articulação entre a anterioridade e a ‘posterioridade’ da linguagem. A abordagem da autora é construtivista, filiada à linha sociocultural e discursiva. A seguir, apresentamos a definição do que entende por pré-discursos:

Os pré-discursos são efetivamente operadores à negociação da partilha, da transmissão e da circulação do sentido nos grupos sociais. Defino-os como um *conjunto de quadros pré-discursivos coletivos que têm um papel instrucional para a produção e a interpretação do sentido no discurso*. Compreendo por pré-discurso os conteúdos semânticos (no sentido mas amplo do cultural, ideológico, enciclopédico), isto é, saberes, crenças e práticas e não somente formas, o que me conduziria ao lado dos gêneros do discurso tal como eles são formulados por M. Bakhtin (1984). Esses quadros não se encontram somente na cabeça dos indivíduos e na cultura de grupos, mas são distribuídos nos contextos materiais da produção discursiva, o que explica por que integro as práticas ao lado dos saberes e das crenças que são de ordem representacional. (p. 12-13) (Sublinhado nosso)

Aparentada a esta noção e, posteriormente formulada, trazemos a noção de matriz discursiva, já registrada no dicionário especializado (CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D, 2004, p. 322-323). Aderimos à definição de Arnoux:

‘Matriz discursiva’ remete tanto a um espaço de regularidades gerador de discursividade como a um molde que permite dar forma discursiva a dados diversos e, incluso, funcionar como grade interpretativa do social. Jean-Claude Beacco (1988:37; 2002:367) a define como “marco, com valor modelizante, do qual procedem, em graus de conformidade variáveis, os textos observados que entram numa mesma série.” (2008, p. 42) (Sublinhado nosso)

Arnoux (2008) caracteriza a matriz dos discursos latinoamericanistas como a retomada de uma tarefa incompleta: o ideário de justiça, união dos povos, nações, dos libertadores sudamericanos está incompleta e a missão é completar o dever. O símbolo é Simón Bolívar e o ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez, o incorporou. Outros presidentes da região aderem a essa matriz, mas de forma menos intensa. Na nossa tese pretendemos observar os deslocamentos operados nesta matriz e que dialoga com a matriz nacionalista espanhola, que justamente se materializou na tradição inventada da comemoração do 12 de outubro.

Consideramos se o calendário oficial de uma nação não poderia ser concebido como uma espécie de rede coercitiva de um tempo de memória. Espécie de grelha que captura, fixa e obriga ao trabalho da memória e à repetição de rituais numa comunidade.

Observa-se a proximidade ou superposição de várias noções: interdiscurso, quadro, matriz, regime de enunciabilidade, seja como for, não é possível conceber uma comunidade discursiva sem uma memória partilhada, coletiva, que possa ser recriada, transformada, negada, esquecida, até usada, na medida em que conforma identidades.

A modo de exemplo

Apresentamos uma aproximação analítica aplicada a uma das materialidades semióticas de nosso recorte. Trazemos nesta oportunidade a revista infantil *Billiken*, publicada semanalmente na Argentina pela editora Atlántida. Além do conhecimento pessoal da revista, chamou nossa atenção ser objeto de estudo de muitos pesquisadores das áreas de História, de

Sociologia e de Comunicação. Também circulam na internet dados curiosos, não confirmados, sobre sua circulação: seria a revista infantil, em língua espanhola, mais antiga que, desde 1.919, circula de maneira ininterrompida pela região (distribuída também no Chile e no Paraguai).

Assim é apresentada ao público a revista no seu site <http://www.atlantida.com.ar> e www.billiken.com.ar :

Criada por Constancio C. Vigil em 1919 e se converteu na revista infantil pioneira no mundo entre as de seu tipo. Oferece material didático para a ajuda escolar e a consulta de toda a família: suplemento históricos, lâminas desdobráveis, fascículos, enciclopédias e notas que acompanham o trabalho diário em sala de aula. Sua estratégia baseia-se no desenvolvimento do currículo escolar a través de suas notas amenas e ilustrativas. Suas páginas incluem jogos, contos, seções especiais, notas de atualidade e historietas, que entretêm e informam ao mesmo tempo. (Tradução nossa)

O recorte está composto de matérias com ilustrações das edições de outubro de 1.932, 1.956 e 2.014. Exporemos a seguir uma comparação das três edições, no intuito de observar o que tem permanecido invariável e o que tem mudado ao longo desse tempo, pouco mais de 80 anos, em relação à data do 12 de outubro. Lembramos que por decreto 1584/2010 sobre feriados nacionais e dias não laboráveis, da presidente argentina, Cristina Kirchner, a data do 12 de outubro foi ressignificada e a designação atual é Dia do respeito à diversidade cultural.

O foco, nas três edições, recai na figura de Cristovão Colombo e a sua chegada na América. Ainda nas edições de 1.956 e 2.014 são tratados os seguintes aspectos: a situação da Europa no século XV, a vida de Colombo, os preparativos e as quatro viagens, os instrumentos náuticos da época. Na edição de 1.956 há um recorte do Diário de bordo de Colombo e uma ilustração com plantas medicinais americanas.

Sobre a estética dos desenhos não observamos muitas diferenças entre as edições de 1932 e a de 1956, já na de 2014 (em dois fascículos separados para colecionar um manual de Ciências Sociais) o traço é moderno, com sombreado, os traços acompanham a estética dos comics e dos mangás, preferidos do público infanto-juvenil. Também o estilo é mais ‘infantil’ indicando que o público são os alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental. O formato

em 2014 também muda, vem em forma de suplementos para colecionar. Além disso, as duas páginas centrais estão compostas de figurinhas para recortar. Na margem de uma delas há figuras que correspondem às efemérides da semana, sob o título ‘Calendário’. Curiosamente não há menção ao rebatismo da data desde 2010 (Dia do respeito à diversidade cultural), enquanto nas outras efemérides há indicação, no verso da figurinha, da instituição da data no calendário oficial, por exemplo: “desde 1.9...” ou “a data foi instituída em...” (Fig. 1 – Anexo).

Chamou nossa atenção o tratamento dado ao elemento indígena na edição de 2014. Há três índios tristes desenhados com um papagaio em uma nota longitudinal (+ info) com o seguinte texto:

Colombo levou para Espanha um grupo de seis aborígenes que apresentou aos Reis Católicos como “índios”, visto que achava ter chegado na Índia. Os fez rezar e santificar perante os monarcas, como prova de “educação”. Todos morreram pouco depois, já que seus organismos careciam de defesas para doenças desconhecidas na América. (Fig. 2 – Anexo).

Numa outra nota um índio sorridente cumprimenta um padre católico acompanhado pelo seguinte texto: “Entre os viajantes estava o frei Bartolomé de las Casas, quem anos depois se encarregaria de denunciar os maus tratos aos aborígenes americanos.” (Fig. 3 – Anexo)

Observamos, pelo exposto, uma identidade narrativa praticamente imutável, um ideário cristalizado na pessoa de Colombo. Dá a impressão de que a história não foi ressignificada nas três edições do recorte. Um aspecto diferencial na edição de 2014 é a presença do lugar de memória do ‘Calendário’, nesse espaço sim o passado tem relação com o presente, já os suplementos de Colombo repetem uma narrativa cujo efeito é ‘sempre foi assim’. A instituição oficial não é datada enquanto as outras comemorações da semana sim. Por que esse tratamento diferencial? O efeito é a percepção de uma história sem história.

Um outro aspecto diferencial é o tratamento dado ao elemento indígena, acima mencionado “Todos morreram pouco depois, já que seus organismos careciam de defesas para doenças desconhecidas na América”. É recortado um fato quase anedótico, se comparado com o silenciamento do início de um genocídio de milhões de aborígenes.

Chegamos a esse entendimento inspirados em Courtine que resgata o fenômeno da comemoração:

(uma FD é, como vimos, um produto da história real: ela é ao mesmo tempo produção de uma história fictícia). Isso pode se perceber, por exemplo, nos rituais verbais da comemoração que produzem uma decoupage do tempo ligando o processo de enunciação ao domínio da memória em uma anulação imaginária do processo histórico, em sua duração e em suas contradições. /.../ A memória discursiva, constrói aqui a ficção de uma história imóvel, ela funciona como congelamento do tempo histórico em que se forma a discursividade. (COURTINE *apud* PAVEAU, 2013, p. 102-103)

Considerações finais

É sabido que as mudanças não se produzem, não reverberam, nos diversos âmbitos associados de maneira automática e por igual. No caso que nos interessa, uma virada político-ideológica que ressignifica uma data significativa, instituída por decreto em 2010, na Argentina, não há de ter repercussão imediata. Para isso, e seguindo as bases curriculares educativas, a Direção Provincial de Educação Inicial, em outubro de 2010, elaborou um documento orientando os docentes desse segmento com propostas de trabalho para a sala de aula nessa data. (Disponível em http://servicios2.abc.gov.ar/lainstitucion/sistemaeducativo/educacioninicial/destacado12octubre/12_de_octubre.pdf. Acessado em 31.08.2015). Nele encontram-se contemplados os povos originários da região. Por outro lado, a revista *Billiken* está catalogada como ‘material auxiliar para o Ensino I’. Nesse sentido, nossas observações são condizentes com as críticas feitas por pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais a respeito do ‘conservadorismo’ da publicação, objeto deste trabalho. Para melhor ilustrar, remetemos o leitor para a matéria intitulada ‘Ditadura para principiantes’ <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/9-3012-2006-05-21.html> (Acessado em 31.08.2015). Nela é apresentada a pesquisa de Paula Guitelman, editada no livro “A infância em ditadura – Modernidade e conservadorismo no mundo de *Billiken*”, publicado pela editora Prometeo em 2006. A resenha também destaca traços ‘racistas’ e de omissão em relação a

temas conflitantes.

Finalizamos este artigo, destacando sua importância para nossa pesquisa na medida em que assinala uma descontinuidade com relação à matriz discursiva latinoamericanista que vem ganhando terreno, territorialidade na sudamérica.

REFERÊNCIAS

AGUSTINI, C.; BERTOLDO, E. A constituição de corpora em linguística da enunciação. In: SILVEIRA, E.M. (Org.) *Nas bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, p. 121-133, 2011.

ANDERSON, Benedict: *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2^{da} reimpressão, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CASTRO, Edgardo: *Vocabulário de Foucault –Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica editores, 2009.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 1^{ra} ed. São Paulo: Contexto, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. “Analyse du discours politique”. In: *Langages N° 62*, cap. II, III e IV. Tradução para o espanhol de María del Carmen Saint-Pierre. http://www.filo.uba.ar/contenidos/carreras/letras/catedras/linguistica_interdisciplinaria/sitio/linguistica/biblio/courtine.pdf Acessado em 31 maio 2015.

FOUCAULT, Michel: *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 4^a ed., 2007 [1969].

GREGOLIN, Maria do Rosario. “Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades”, 2005. Disponível em: <http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao02/pdf/Maria%20do%20Rosario%20Gregolin.pdf> Acessado em 31 maio 2015.

HEYMANN, Luciana Quillet. *O devoir de mémoire* na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Angela de Castro (coord.): *Direitos e cidadania –memória, política e cultura*. Rio de Janeiro: FGV, p. 15-43, 2007.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (Eds.). *La invención de la tradición*. Barcelona: Crítica, 2002 [1983].

MAINGUENEAU, D. Para além dos termos pivô. In: *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes, Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 3ª ed., p. 133-158, 1997.

_____. *Gênese dos discursos*. SP: Parábola, 2008.

NORA, Pierre. Entre Memória e História – A problemática dos lugares. In: *Projeto História 10*. PUC/SP: 1981

PAVEAU, Marie-Anne. *Os Pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Associação Nacional de História – ANPUH, vol. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.

STAVANS, Ilan & JAKSIC, Iván. *¿Qué es la hispanidad? Una conversación*. Chile: FCE, 2011.

VITALE, María A. & MINARDI, Adriana E. Memoria histórica, lugar de memoria y comunidade discursiva: materiales para el abordaje de un caso de archivo. In: *Diálogos Latinoamericanos*, núm. 20, junio, 2013, pp. 72-96 www.redalyc.org/articulo.oa?id=16229035004 Acessado em 03 ag 2015.

ANEXO

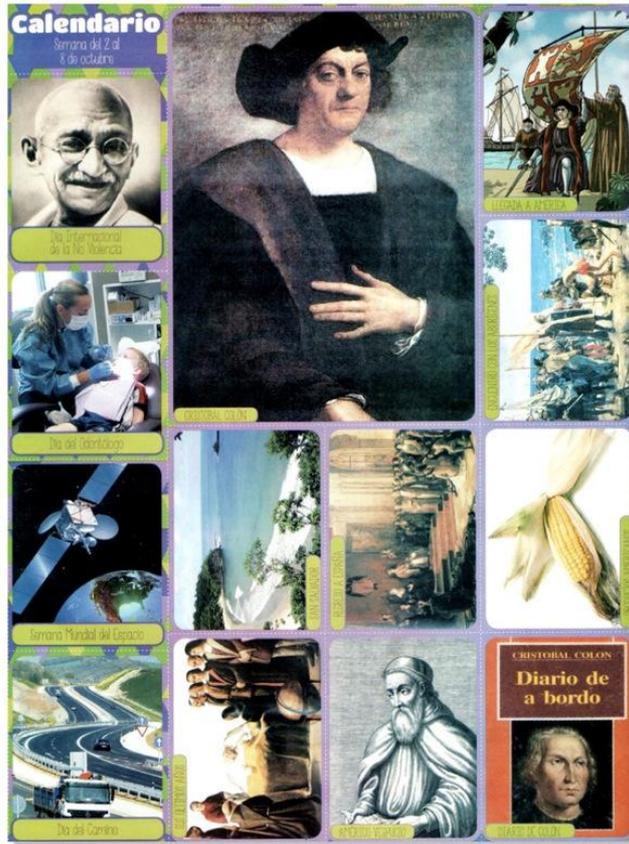


Fig.1



Fig.3

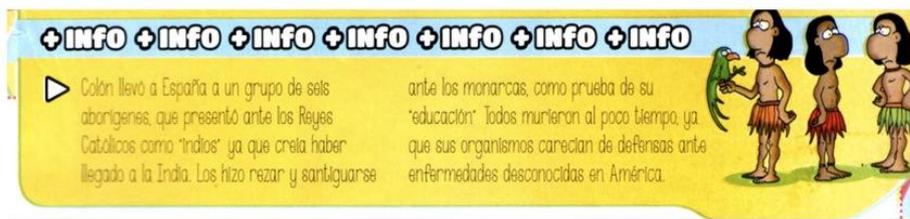


Fig.2